

Relatório do Painel:

Aplicando uma lente de gênero no apoio ao Empreendedorismo: Insights do Brasil

**Por Mariane Del Carmen da Costa Diaz
Rede Impacta Mulher**



Incubadora de
Negócios Sociais:
Impacta Mulher

Realização:



Suporte de:



Aplicando uma lente de gênero no apoio ao Empreendedorismo: Insights do Brasil

No dia 10 de março de 2020 aconteceu em São Paulo, no Centro Brasileiro Britânico, o Painel “Aplicando uma lente de gênero no apoio ao Empreendedorismo: Insights do Brasil” com participação de Jodie Thorpe (Institute Development Studies - Califórnia), Ítala Herta (Vale do Dendê) e Renata Truzzi (NESsT), com mediação de Cecília Zanote (Aspen Network Development Entrepreneurs – Brasil). O objetivo do painel foi compartilhar estudos e experiências trazendo esse conceito de “lentes de gênero” com o objetivo de aprofundar discussões (que se sucedeu no workshop realizado na parte da tarde), reflexões e aplicabilidade a partir do estudo apresentado pela pesquisadora Jodie Thorpe nos modelos SGBs (Small and Growing Business – Negócios pequenos crescendo).

Cecília Zanote, representante da ANDE no Brasil, enfatizou que a ANDE tem como objetivo fortalecer o empreendedorismo com foco no gênero e destacou a necessidade de “entrar a fundo”, dentro de nossas organizações para mudar o ecossistema – que sabemos, ser patriarcal e que desconsidera as particularidades das mulheres – e possibilitar que mulheres, mães, possam empreender e transformar o Brasil.

Jodia Thorpe (IDES) apresentou os resultados do estudo que intitula o painel. O estudo foi apresentado na língua inglesa e já está em processo de tradução para o português e segundo a representante do ANDE, muito em breve será compartilhado. Thorpe destacou que “lentes de gênero” consiste nos papéis e normas construídos pela sociedade sobre mulher, classe e gênero. E questionou: “Por que falar de gênero?” destacando que as mulheres são as maiores forças de desenvolvimento social, no entanto, existem menos mulheres empregadas do que os homens, exemplificando o movimento #metoo.

Durante a apresentação foi destacada a intersecção de gênero, classe e raça – ampliada, posteriormente, por Ítala Herta trazendo também a territorialidade. “Como aplicar a lente de gênero?”, questionou Thorpe. 1- Identificando os objetivos das organizações, 2- analisando as oportunidades e parcerias.

A pesquisadora também trouxe um conceito e um dado bastante elucidativo “homofilia” que significa você gostar daquilo que se parece com você, ou seja, semelhança devido a uma mesma origem. Considerando as diferenças de tratamento entre homens e mulheres, as perguntas de pitch dos homens investidores também são distintas entre os gêneros sendo 60% das perguntas direcionadas aos homens como perguntas “promotoras” demonstrando o interesse em saber onde querem chegar, quais os objetivos e os planos. No entanto, 67% das perguntas destinadas as mulheres são perguntas “preventivas” relacionadas aos riscos do empreendimento e preocupação quanto a

segurança e que 78% - dos investidores homens - preferiam pitch apresentados por homens. Nesse sentido, o que podemos fazer? Reconhecer os vieses existentes, que são históricos e estão enraizados na sociedade ocidental, trazer mais mulheres para serem investidoras e ajudar a mudar esse ecossistema, incorporar as lentes de gênero nas empresas e programas de incubação e aceleração, repensar a estrutura e formato do pitch com "interrogatório", considerando que as mulheres funcionam melhor com rodas de conversa – a última fala destacada pela representante do ANDE.

É importante destacar que o Brasil é o quarto país com pior desigualdade de gênero, segundo o Fórum Mundial, destacando que esse é um dado "frio" que não coloca a lente de gênero, como as intersecções. É preciso reconhecer as intersecções (raça/classe/gênero/orientação sexual/território), caso contrário, mascaramos esses vieses. É preciso conhecer e reconhecer os diferentes perfis das mulheres nas incubadoras e aceleradoras para ajudar as mulheres quanto a busca por investidores e auxiliá-las a entender os diferentes ambientes e linguagens desse mercado.

Complementando o painel, Ítala Herta, co-fundadora da Vale do Dendê, uma aceleradora de empreendedorismo na Bahia, com sede em Salvador, iniciou sua fala apresentando um vídeo institucional da empresa, agradecendo o convite e afirmando que gostaria que mais mulheres pretas, especialmente as retintas, pudessem participar do painel e afirmou: "Pra falar de mulher, a gente precisa falar de território!".

Ítala é uma mulher negra e destacou que a Vale do Dendê é composta por homens e mulheres pretas e pretos. Obviamente, esse recorte desloca muito as discussões suscitadas por ela e trazendo ainda outro olhar para as intersecções discutidas anteriormente: o TERRITÓRIO! A partir da sua experiência e de sua empresa, Ítala afirmou, a todo o momento, como não podemos descolar a questão da territorialidade, sobretudo, das regiões periféricas, trazendo um pouco do relato de como é difícil que investidores acreditem na potencialidade e criatividade de mulheres – e homens, mas especialmente no gênero feminino – , pretas e periféricas, sendo mais um dificultador para angariar fundos para seus negócios. Sem dúvida, outra questão que foi atravessada a partir de sua fala foi a necessidade de olhar para a auto-estima e afirmou que " a periferia e as pessoas pretas não empreendem por opção!" afirmando ainda que " nós, mulheres negras não somos vistas como criativas e intelectuais." O lugar do fazer e servir persegue as mulheres, com o sentimento de culpa na mentalidade das que estão buscando romper com esse lugar imposto.

¹Abrindo um pequeno parêntese, lembrei da Nathalia Grilo, no Rio de Janeiro, que se dedica a estudar as heranças do mercado/comércio africano e traz o recorte e o olhar das negras escravizadas e na diáspora como grandes – primeiras - empreendedoras como as quitandeiras, as feirantes e etc.

A fala de Ítala também foi permeada pelo destaque do potencial criativo da periferia¹. Destaco algumas de suas falas:

"Não existe inovação sem diversidade"

"A periferia cria e cria MUITO!"

"As margens como lugar de potência econômica e criativa no Brasil"

"O lugar da vulnerabilidade é o lugar da criatividade"

"Não queremos ser vistas como histórias de superação! Queremos ser vistas como criativas, empresárias e futuras empresárias."

"É preciso repensar as nossas urgências."

"Nós, mulheres, precisamos ocupar o lugar econômico."

"Quem segura todas essas marimbas são as mulheres, negras, sobretudo as mais retintas e periféricas."

A sequência, Renata Truzzi, da NESsT Global, apresentou o painel por videoconferência pois estava gripada. Iniciou apresentando a empresa que consiste em organizações sem fins lucrativos que investem em programas de impacto social e ambiental gerando empregos e renda dignos para comunidades marginalizadas. Truzzi apresentou um panorama da empresa com dados e informações, a nível global, quanto aos investimentos, os projetos. Falou sobre a importância da política de programas contra o assédio sexual nas empresas e enfatizou que o futuro de sucesso traz a diversidade e a inclusão, afirmando que as empresas tem colocado um olhar e metas para gênero, inclusão e diversidade. O estudo apresentado também será compartilhado, segundo as organizadoras do evento. Truzzi também destacou a importância de usar linguagens de negócios para sermos ouvidas e foi questionada que tipos de dados e linguagens os empresários gostam de ouvir – especialmente os homens brancos. A resposta foi que a NESsT ainda está fazendo esse levantamento mas que PRODUTIVIDADE, LUCRATIVIDADE, EQUIPE DIVERSAS EM TI e INCLUSÃO DE JOVENS são algumas que já foram observadas.

¹E, particularmente, não tenho como não lembrar a nossa herança africana e todo seu potencial criativo para, mesmo diante das mazelas e sofrimentos, criar, transformar a dor em potencialidade, como a capoeira, o jongo, as quebradeiras de coco – dança e música – daí, acredito ser a fala de que "empreender não é uma opção". Destaco que não estou trazendo uma visão romantizada da dor ou as histórias de superação, tampouco defendendo a meritocracia, no entanto, acredito que olhar para nosso passado auxilia nessa compreensão do presente, tal qual o aprendizado que a Sankofa, nos ensina.

Workshop: Definindo os desafios prioritários em Igualdade de Gênero no Empreendedorismo no Brasil

A tarde, ocorreu um workshop com o intuito de problematizar e pensar estratégias e soluções a partir do painel apresentado pela manhã. É importante destacar que alguns homens estavam presentes representando suas empresas (em um universo de aproximadamente 30 pessoas, estimo que eram 5 homens). Ao final, foi destacada a importância de homens ouvindo e aprendendo, pois teriam a possibilidade de serem multiplicadores e aplicar a “lentes de gênero” nos seus espaços de trabalho. O workshop foi mais dinâmico, iniciando com um exercício de circularmos pelo espaço, formando distintas duplas a cada pergunta realizada, com o intuito de nos conhecermos e conversar a partir de perguntas dinamizadoras e “quebra de gelo” que traziam mais das nossas histórias de vida, valores para criar uma aproximação entre as pessoas – muitas ali desconhecidas (qual era sua brincadeira preferida na infância/ uma mulher que te inspira/ qual foi a sua maior conquista/ um desafio que você superou/ qual o seu maior sonho). Irei listar depois algumas das empresas que estavam presentes e que podem ser interessantes para network. Destaco aqui alguns elementos que foram apresentados nesse espaço.

Texto: Gênero: o que é isso? de Maria Eunice Figueiredo Guedes (1995)

Foi apresentada a diferença:

Igualdade de gênero – igualdade de condições tratamentos e oportunidades.

Equidade de gênero – atenção especial nos desafios da dinâmica de poder

Compreender essas diferenças foi fundamental, pois a facilitadora destacou que nós, mulheres, já nascemos em um contexto de desigualdade, uma vez que, no mundo ocidental já somos diferentes por conta das construções sociais – sendo o sexo biológico masculino já nasce com mais oportunidades.

Não basta igualar as oportunidades, é preciso pensar a equidade, ou seja, já começamos, enquanto mulher, em “pé” de desigualdade. É preciso reconhecer as diferenças e criar oportunidades para a equidade. Acesso não é igualitário (a exemplo das políticas de 50/50 oferecendo a mesma quantia de vagas, por exemplo, entre os gêneros, mas não leva em consideração as especificidades das mulheres – como o fato de serem mães, estarem amamentando, não ter com quem ou onde deixar as crianças e etc...).

Matriz CSD – certezas, suposições e dúvidas

Matriz de gênero – Paradigma Integral – (Ken Wilber)*

Matriz riquíssima para fazer a análise, tanto pessoal, quanto de personas/perfis para mapeamento de estratégias e soluções. Ver as fotos em anexo.

Ao final do evento, alguns questionamentos como: A partir desse panorama, o que nossas empresas, negócios, incubadoras e aceleradoras podem aplicar, para já, essas lentes de gênero? O que estamos fazendo? O que precisamos e podemos fazer?

Informe: em agosto será realizado – não foi apresentado data - outro encontro com o objetivo mais pragmático de aplicabilidade desse painel/estudo apresentado.

Algumas empresas presentes:

Rede Asta

Plano CDE – análise dos impactos sociais

Ponte a Ponte

Vale do Dendê

CIEDS

Fundação Tide Setubal

Curso gratuito indicado pela plataforma EDX:

Curso Community Banking – sobre formação de economia local

ANDE – Aspen Network of Development Entrepreneurs

Sobre:

A Rede de Empreendedores de Desenvolvimento Aspen (ANDE) é uma rede global de organizações que impulsionam o empreendedorismo em mercados emergentes. Os membros da ANDE fornecem serviços essenciais de apoio financeiro, educacional e comercial a pequenas e crescentes empresas (SGBs) com base na convicção de que as SGBs criarão empregos, estimularão o crescimento econômico a longo prazo e produzirão benefícios ambientais e sociais. Por fim, acreditamos que os SGBs podem ajudar a tirar os países da pobreza.



